Anais de Resumos Expandidos
V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

Manifestações religiosas no futebol em tempos de midiatização: Dos Atletas de Cristo ao caso do jogador Feijão, filho de Ogum[1]

Religious manifestations in soccer in times of mediatization: From the Athletes of Christ to the case of the player Feijão, son of Ogum

Pedro Vasconcelos Costa e Silva
João Damasio da Silva Neto

Palavras-chave: Futebol; Manifestações religiosas; Circulação; Midiatização.

O jogo e a religião são ritualidades que marcam e revelam aspectos culturais e organizacionais de diversas sociedades antigas e contemporâneas. Neste artigo observaremos a relação entre manifestações do religioso e manifestações religiosas no contexto do futebol brasileiro – fortemente atravessado pelas lógicas das mídias e pelas lógicas da midiatização (BRAGA, 2015).

Como ponto de partida, faz-se necessário diferenciar o que é compreendido por nós como manifestação do religioso e manifestação religiosa no esporte. Tomamos o primeiro como um rito, uma hierarquia análoga à religião, como a "fé" do torcedor que não abandona seu time no momento mais difícil ou na mandinga daquele atleta supersticioso que entra em campo sempre com pé direito.

[1] Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

Já o segundo pode ser entendido como práticas advindas das religiões institucionalizadas: que pode ser observada naquele "pai nosso" tradicional de jogadores brasileiros antes dos jogos nos vestiários ou em casos mais agudos, de organizações religiosas que emergem das relações entre atores esportivos.

Aqui buscamos problematizar e discorrer sobre como as manifestações religiosas e as manifestações do religioso se articulam com as lógicas midiáticas no futebol brasileiro em um processo de longo prazo, deixando marcas e rastros em uma ambiência radicalmente transformada pela midiatização (GOMES, 2017).

Para este estudo, recorremos a um caso de discriminação religiosa nas redes de um atleta do Esporte Clube Bahia em 2017. O jogador Feijão postou e manifestou em suas redes sua gratidão e reverência a Ogum – orixá guerreiro presente em religiões de matrizes africanas – e precisou reafirmar sua fé em diversos outros momentos, após ataques e hostilidades.

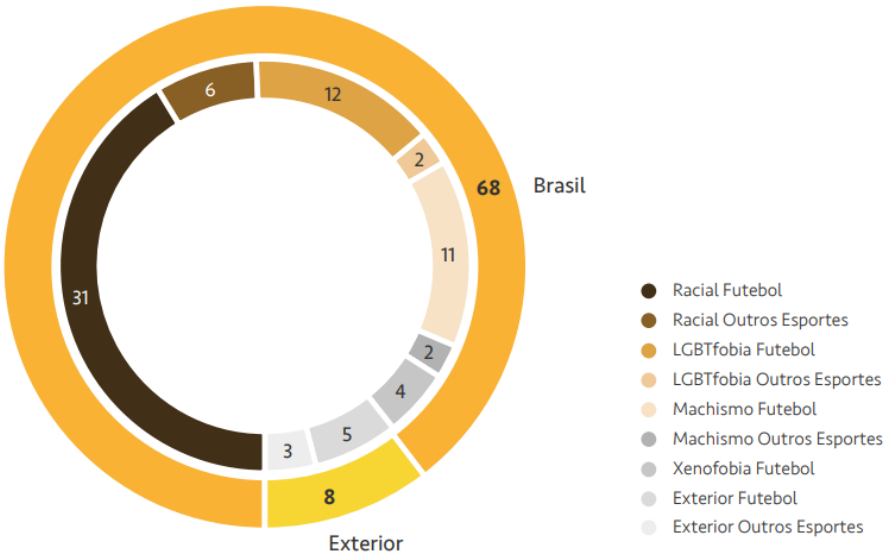
Antecedendo ao caso em questão, há um cenário a ser detalhado na versão ampliada deste texto, em que as instituições cristãs e sobretudo neopentecostais, intensamente ligadas às lógicas dos meios, estabeleceram na esfera pública e no futebol brasileiro um cenário discursivo hegemônico. É o caso da Renascer em Cristo, igreja à qual se vinculava Kaká, um dos jogadores de futebol que mais explicitou e polemizou a relação entre esporte e religião na contemporaneidade. Certamente, os atos e pronunciamentos religiosos de Kaká na condição de ator esportivo compõem, hoje, os registros das táticas de renovação e presença da religião no espaço público, marcadas pelo proselitismo neopentecostal na mídia – sobretudo a televisiva. Esses registros podem ser vinculados diretamente ao fenômeno dos chamados "Atletas de Cristo" que, surgindo nos anos 1980, existe até os dias atuais.

Quando olhamos para a predominância de manifestações ligadas a uma religião específica, nos perguntamos de que maneira eles representam um apagamento, um silenciamento ou um constrangimento da manifestação de outras religiosidades.

Anais de Resumos Expandidos
V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

Desde 2014, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol[2] acompanha os casos de racismo no futebol brasileiro e internacional. Durante o ano de 2020, o site registrou 78 casos discriminatórios, sendo que em anos anteriores esse número já foi o dobro. Embora a principal bandeira seja a luta contra o racismo, o portal também registra incidentes machistas, LGBTfóbicos e xenofóbicos, criando categorias. Este último relatório mostra a predominância de ataques racistas (Figura 1) – totalizando 31 dos incidentes registrados no ano.

Figura 1 – Gráfico sobre os casos de discriminação racial no Brasil e no Exterior



Fonte: Relatório 2020 do Observatório da Discriminação Racial (2020, p. 76).

A intolerância religiosa é parte, muitas vezes, de um contexto discriminatório de origem racista. Mas cada caso é um caso, com complexidades locais. O atacante egípcio

[2] Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/. Acesso em 30 jun. 2022.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

Mohamed Salah[3], por exemplo, jogador do Liverpool e morador da cidade inglesa, tem levantado debates importantes sobre discriminação religiosa, uma vez que é mulçumano e imigrante como boa parte da população. O astro tem utilizado sua visibilidade para discutir a discriminação sofrida pelos imigrantes mulçumanos nos países europeus.

No Brasil, é impossível desassociar os atos de intolerância religiosa da nossa herança escravocrata. Na cultura do jogo, as religiões de origem africana sempre aparecem a partir desses estereótipos, ligados a uma dimensão de um humor racista. Quem nunca ouviu a paráfrase do ex-treinador da seleção brasileira João Saldanha que dizia que "se dependesse de macumba o campeonato baiano terminaria empatado".

Já a diretoria do Cruzeiro em 2019 contratou um Pai de Santo para livra-lo do rebaixamento no campeonato brasileiro[4], não pagou pelo serviço e acabou caindo para segunda divisão. O caso em tom de galhofa ganhou as redes nas vozes dos torcedores rivais e até entre os próprios torcedores celestes.

Nas raras representações da religiosidade de matriz africana na mídia tradicional, destaca-se um comercial da Nike para a copa do mundo de 2010 (Figura 2). Em um vídeo que usa e abusa de elementos e símbolos de religiões de matrizes africanas, patuás, imagens de orixás e até um pai de santo comandando um treino para crianças são utilizados na tentativa de explicar o futebol "mágico" do brasileiro. O comercial é protagonizado por jogadores que seriam importantes naquele mundial, como os atacantes Robinho e Luiz Fabiano. Atletas declaradamente evangélicos, que não trazem em suas falas quaisquer referência às imagens ali representadas.

[3] Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/salah-craque-em-driblar-preconceitos/. Acesso em 30 mar. 2021.
[4] Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/04/23/cruzeiro-contratou-pai-de-santo-na-luta-contra-queda-mas-nao-pagou-r4-mil.htm. Acesso em 28 mar. 2021.

Anais de Resumos Expandidos
V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

Figura 2 – Pai de Santo representado em comercial da Nike: Mandinga



Fonte: Reprodução/YouTube[5].

Por um lado o futebol admite a existência daquilo que chamamos no começo do texto de manifestação de um religioso, reforçando estereótipos que envolvem as religiões afro às noções de mandinga e mágica. Entretanto, quando a manifestação da fé parte de maneira genuína como a do jogador Feijão, o racismo se desvela, abandona o tom humorístico e se materializa em ataques ao praticante.

O caso do jogador Feijão: tensões das manifestações religiosas na midiatização

O caso do jogador Feijão foi classificado pelo Observatório da Discriminação Racial (2019) como ataque racista e não só religioso. Da perseguição nacional implacável ao goleiro Barbosa depois do gol que sofreu na final da Copa do Mundo de 50 aos episódios que deram ao Fluminense o apelido de pó de arroz, o racismo segue se manifestando em episódios nada esporádicos no futebol que observamos hoje.

[5] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ipVxkyPpYSs. Acesso em 28 mar. 2021.

Anais de Resumos Expandidos
V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

Em 2017, com a ascensão das redes digitais no processo de midiatização, era natural que um jovem de 23 anos como Antonio Filipe Gonzaga de Aquino (o jogador Feijão), possuísse uma conta no Instagram e postasse ali com frequência suas atividades diárias. Antonio era na época jogador do Esporte Clube Bahia, time mais popular do estado com a população mais negra do país.

Depois de mais um dia de treino, Feijão resolveu fazer uma postagem na qual celebrava o momento de realização na carreira (Figura 3). No final, agradecia à Ogum, orixá guerreiro a quem o jogador sempre recorre em suas manifestações religiosas.

Figura 3 – Postagem em que Feijão homenageia Ogum em sua conta no Instagram



Fonte: Reprodução/Site O Correio[6].

[6] Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/por-culto-ao-candomble-feijao-e-vitima-de-intolerancia-religiosa/. Acesso em 28 mar. 2021.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

Não demorou para que, dentre as milhares de curtidas e comentários de torcedores e seguidores anônimos, começassem a se destacar mensagens com ataques à religião do jogador, que é adepto do Candomblé.

O volante vivia uma situação de intolerância religiosa clara em seu Instagram. Imaginem se os torcedores reagissem de forma violenta toda vez que um jogador do seu time agradece a Deus por sua performance após uma partida?

Foi o que aconteceu com o atleta do Bahia. No dia 14 de junho de 2017 um dos seguidores bradou: "Que diabo de Ogum, por isso que não vai pra frente". Outro torcedor exigiu sua saída do clube: "Ô seu macumbeiro, não venha pra cá tirar sua onda não que eu não como regue de você, sua carniça. Saia do Bahia".

As mensagens foram transcritas por inúmeros portais de notícia e reascenderam discussões sobre a intolerância religiosa no futebol, sobretudo pela atitude do jovem negro que não recuou frente aos ataques. Para cada ato discriminatório, Feijão respondeu pessoalmente, assumindo-se como macumbeiro e dizendo ter orgulho da sua trajetória.

Para Fausto Neto (2008), a sociedade em midiatização é marcada pela ação intensiva de tecnologias no interior das processualidades e das práticas sociais diversas, como a esportiva. A cultura midiática assume um papel de centralidade, porém expandida, através da qual se estabelecem novos padrões discursivos que, por sua vez, geram zonas de afetações entre sujeitos e instituições que modificam a dinâmica social.

Nota-se, neste caso, que a discussão sobre intolerância religiosa ascende aos meios tradicionais a partir de uma experiência individual de um jogador, que em sua conta produz uma discursividade capaz de gerar diversos sentidos conflitantes. Verón (2013, p. 281) elucida que a mutação das condições de acesso dos indivíduos às discursividades midiáticas dos atores individuais produziram transformações inéditas nas condições de circulação.

As interações do jogador com seus seguidores, bem como as interações multiplicadas entre seguidores e aquelas outras que saíram do âmbito daquela postagem

Anais de Resumos Expandidos
V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

para ganharem outros espaços constituem diferentes "níveis de circulação" (ROSA, 2016). No rastro da discursividade produzida pela discussão de Feijão com seus seguidores, começam a surgir materiais midiáticos de naturezas distintas. Primeiro o caso repercute nacionalmente. No treino do dia seguinte ao ocorrido, em entrevista para o Bahia Notícias, o jogador falou: "*Respeito todas as religiões e espero que respeitem a minha. Sou do Candomblé e com muito orgulho. Espero que tenha coragem de falar na minha frente. Na rede social é muito fácil".*

Figura 4 – Discussão de Feijão com seus seguidores ascende à mídia tradicional

Em meio a protestos, Feijão sofreu com intolerância religiosa no Instagram

por Ulisses Gama



Foto: Felipe Oliveira / Divulgação / EC Bahia

O volante Feijão, que está entre os mais contestados em virtude da má fase do Bahia no Campeonato Brasileiro, não tem sofrido apenas com os protestos pelo que acontece dentro do campo. O jogador foi criticado também por ser adepto do candomblé. Após uma postagem em seu Instagram, um usuário criticou a religião do atleta. "Que diabo de Ogum, por isso que não vai pra frente", escreveu. Prontamente, Feijão retrucou. "Cada um com sua religião. Não venha falar sua m* aqui na minha página", escreveu o atleta, que prosseguiu em discussão com o usuário. "Sou macumbeiro, não tenho vergonha não, pai. Quem é você para me mandar embora do Bahia?". O crime de intolerância religiosa prevê de um a três anos de detenção. Sem vencer há seis partidas na competição nacional, o Esquadrão de Aço tenta se afastar da zona de rebaixamento no próximo domingo (9), contra o Fluminense, na Arena Fonte Nova. Confira a imagem:

Fonte: Bahia Notícia (2017)[7].

[7] Disponível em: https://www.bahianoticias.com.br/esportes/bahia/18153-em-meio-a-protestos-feijao-sofreu-com-intolerancia-religiosa-no-instagram.html. Acesso em 28 mar. 2021.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

Feijão e sua conta pessoal no Instagram assumem um papel de meio e mensagem. O jogador passa a falar em um lugar de autoridade devido à repercussão do caso. Em entrevista para o portal Flor de Dendê[8], especializado em Candomblé, o jogador conta sobre a sua história, sobre o fato de ser neto de um sacerdote do Candomblé em um terreiro na região metropolitana de Feira de Santana. Atleta e jornalista conversam sobre o *Iorubá*, promovendo uma entrevista pedagógica.

Na sociedade em midiatização, contrapesando a continuidade de diversas manifestações de preconceito, novos espaços especializados surgem e buscam construir midiaticamente uma imagem mais respeitosa em relação ao Candomblé. Distinta dos estereótipos que há muito tempo circulam como cultura no futebol brasileiro.

Mas não se trata de simples iniciativas espalhadas. Institucionalmente, o clube envolvido à margem dessa discussão também precisou se posicionar. O Esporte Clube Bahia não só se pronunciou em defesa ao atleta nas redes sociais, como também a parir daí adotou uma campanha contra a Intolerância Religiosa no futebol, desde então o Clube é notoriamente um dos que mais produzem materialidades acerca de causas sociais. Sites como o Observatório da Discriminação Racial promoveram um debate sobre o caso. E embora o jogador não tenha levado o caso adiante na justiça, acabou transformando os ataques em uma oportunidade para discussão sobre discriminação das religiões de matrizes africanas no Brasil.

[8] Disponível em: http://flordedende.com.br/feijao-o-volante-que-desarmou-o-ataque-contra-sua-liberdade-religiosa/. Acesso em 29 mar. 2021.

Anais de Resumos Expandidos
V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

Figura 5 – Clube promove campanha após caso de racismo e intolerância religiosa



Fonte: Reprodução/Twitter[9].

O ato e as ações midiáticas individuais do atleta rompem com um silenciamento das religiões de matrizes africanas no futebol.

Apontamentos finais

Observamos como a naturalização dos ritos, gestos e discursos relacionados às manifestações religiosas de cunho cristão contrasta-se com o apagamento das religiões

[9] Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-pesquisa-jogadores-de-bahia-e-vitoria-falam-sobre-a-relacao-entre-futebol-e-religiao-562-sao-evangelicos-e-nao-ha-adeptos-do-candomble/
https://twitter.com/ECBahia/status/1087434136967671809?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1087434136967671809%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww. Acesso em 29 mar. 2021.

de matrizes africanas no esporte neste mesmo período. Estas últimas com aspectos muito mais próximos à ideia de manifestação do religioso do que de uma manifestação religiosa com ritualidades sistematizadas e estabelecidas.

O caso de intolerância religiosa envolvendo o jogador Feijão evidencia como estes processos passaram a ser discutidos em sociedade em uma midiatização aprofundada. A intolerância religiosa surge a partir da oferta discursiva do Instagram pessoal do jogador, sobre a qual são deflagrados ataques e reações que ascendem aos meios tradicionais e estabelece na própria rede um debate necessário sobre religiosidade e esporte.

Referências

BRAGA, José Luiz. Lógicas da mídia, lógicas de midiatização. In: FAUSTO NETO, Antonio (et al.). **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosario: UNR, 2015, p. 15-32.

ECO, Umberto. **A *falação* esportiva**: viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 89-105, 2008.

_____. Circulação: trajetos e conceitos. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8-40, 2018.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade**: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2020**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2021.

ROSA, Ana Paula da. Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. **Interin**, Curitiba, vol. 21, n. 2, jul./dez. 2016, p. 60-81.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 5 (2022)

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social**, 2: ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.